

**Cláudia Pereira**  
Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro –  
PUC-Rio  
E-mail: claudiapereira@puc-  
rio.br



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**  
Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

**O ethos do street skate num  
Brasil dividido:  
Representações midiáticas da cultura do  
for fun**

*The ethos of street skateboarding in a  
divided Brazil:  
Sports media representations of the for fun  
culture*

*El ethos del street skateboarding en un  
Brasil dividido:  
Representaciones mediáticas deportivas de la  
cultura for fun*

Pereira, C. O Ethos do Street Skate num Brasil Dividido:  
Representações midiáticas da cultura do for fun. Revista Eco-  
Pós, 26(3), 90–116. [https://doi.org/10.29146/eco-  
ps.v26i3.27983](https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i3.27983)

## RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a construção das representações midiáticas do skate de rua nas mídias a partir de filmes e transmissões das Olimpíadas de Tóquio de 2020 na Globo e de três colunas publicadas em 2021 e 2022, de Chico Lins, Valmir Moratelli e Débora Martins. Busca-se explorar o *ethos* do *for fun* da cultura do skate, em contraste com a noção de *fair play* valorizado no espírito olímpico, ressaltando aspectos ligados às culturas juvenis na contemporaneidade. Pesquisadores da Comunicação em sua articulação com o esporte, e estudiosos da cultura de skate juntam-se a autores da sociologia, como Sérgio Buarque de Holanda, com o controverso conceito do “homem cordial”, tomado aqui como categoria que ajuda a revelar representações midiáticas do *ethos* do *street skate* e sua contribuição para o resgate de uma dada identidade nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Street Skate; Juventudes; Representações; Fair play; Homem cordial.*

## ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the construction of media representations of street skateboarding in the media from films and broadcasts of the 2020 Tokyo Olympics on Globo, and from three columns published in 2021 and 2022, by Chico Lins, Valmir Moratelli and Débora Martins. It seeks to explore the “for fun” *ethos* of skateboarding culture, in contrast to the notion of “fair play” valued in the Olympic spirit, highlighting aspects related to youth cultures in contemporary times. Communication researchers in their articulation with sport, and skate culture scholars join sociology authors, such as Sérgio Buarque de Holanda, with the “cordial man” controversial concept, taken here as a category that helps to reveal some media representation of the *ethos* of street skateboarding and its contribution to the rescue of a given national identity.

**KEYWORDS:** *Street skate; Youths; Representations; Fair play; Cordial man.*

## RESUMEN

El objetivo del artículo es reflexionar sobre la construcción de representaciones mediáticas del *street skateboarding* en los medios a partir de películas y transmisiones de los Juegos Olímpicos de Tokio 2020 en Globo y de tres columnas publicadas en 2021 y 2022, por Chico Lins, Valmir Moratelli y Débora Martins. Busca explorar el *ethos for fun* de la cultura del *skateboarding*, en contraste con la noción de *fair play* valorada en el espíritu olímpico, destacando aspectos relacionados con las culturas juveniles en la época contemporánea. Investigadores de la comunicación en su articulación con el deporte, y estudiosos de la cultura skate se unen a autores de sociología, como Sérgio Buarque de Holanda, con el concepto controvertido “hombre cordial”, tomado aquí como una categoría que ayuda a develar las representaciones del *ethos* del *street skate* y su contribución al rescate de una determinada identidad nacional.

**PALABRAS CLAVE:** *Street skate; Jóvenes; Representaciones; Fair play; Hombre cordial.*

Submetido em 24 de novembro de 2022

Aceito em 14 de janeiro de 2023

## Introdução

Brasil, país do futebol: mais que uma espécie de aforismo de alcance global, esta afirmação parece lançar sobre toda a nação a bênção de uma dádiva libertadora que já colocou em suspensão, por mais de uma vez, alguns de seus graves problemas de ordem política e social, como a ditadura militar nos anos 1960 e 1970. Com a conquista da taça Jules Rimet em toda a glória de um inédito tricampeonato mundial, e a despeito da tragédia dos anos de chumbo que torturaram e assassinaram 434 brasileiras e brasileiros, outros tantos, sobreviventes, encontram-se desde então na paixão e na catarse de uma identidade cultural que não deixa dúvidas sobre onde reside o verdadeiro futebol, e esse lugar só pode ser o Brasil. A famosa camisa verde e amarela virou o símbolo maior da alegria e da união do povo brasileiro (Figura 1).

**Figura 1** – Camisa da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970



Fonte: *O Globo*, 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/tv-britanica-elege-uniforme-do-brasil-em-1970-como-mais-bonito-de-todos-os-tempos-veja-top-10-24379550>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Estamos a 53 da Copa do Mundo de Futebol de 1970 e, de lá para cá, outros dois troféus se juntaram à Jules Rimet. No período de 2018 a 2022, o Brasil viveu a maior polarização política de sua história, com o governo de Jair Messias Bolsonaro. Eleito por uma parcela da população que rejeitava os quase 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), deixou uma legião

bradando palavras de ordem pelas ruas, eleitores inconformados com os resultados das urnas em 2022, que trouxeram de volta Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República. No ano da Copa do Mundo do Catar, não só a camisa verde e amarela já havia se consolidado como o uniforme dos bolsonaristas, mas também a bandeira do Brasil já tinha se firmado como o estandarte das intenções antidemocráticas que se elevavam cada vez mais, sendo ambas rejeitadas pela outra metade das pessoas que as associavam aos quatro anos que flertaram perigosamente com o fascismo e com sucessivas ameaças de golpe de Estado (Figura 2).

**Figura 2** – Camisa da Seleção Brasileira de futebol e bandeira do Brasil como símbolos do bolsonarismo



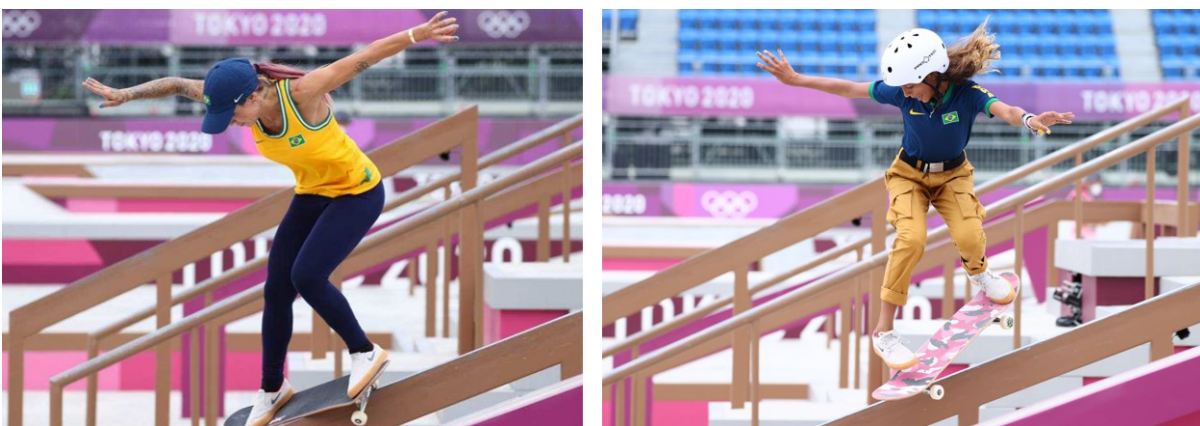
Fonte: *Folha de Pernambuco*, 07 set. 2022. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/politica/multidao-em-boa-viagem-se-reune-em-atos-a-favor-do-governo-bolsonaro/239469/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Antes, em 2021, os Jogos Olímpicos de 2020 foram sediados no Japão, com um ano de atraso, em decorrência da pandemia do Covid-19. Pela primeira vez, esportes radicais como o surfe, a escalada e o *skateboard* foram disputados, em um esforço do COI (Comitê Olímpico Internacional) para rejuvenescer a imagem das Olimpíadas. Atletas do *skateboard* trouxeram para o Brasil três medalhas de prata: Kelvin Hoefler e Rayssa Leal, no *Skate Street*, e Pedro Barros, no *Skate Park*. Nas transmissões televisivas de suas competições, os especialistas, quase sempre skatistas, se esforçavam muito para explicar as manobras e suas denominações tão

complexas, todas na língua inglesa, deixando atordoadas as famílias brasileiras que se mantinham acordadas de madrugada para torcer por jovens e adolescentes com modos de rebeldes. Diferente também era o jeito de se envolver com a competição: a todo o momento, os espectadores eram lembrados que não deveriam torcer para que skatistas rivais caíssem, nunca contra ninguém, mas sim a favor de todos. No país do futebol, de paixões inflamadas e rivalidades históricas, de comportamentos grosseiros legitimados e socialmente aceitos nos estádios, se impunha um novo jeito de ser torcedor. Se impunha, enfim, um *ethos* esportivo que parecia confrontar valores moderno-contemporâneos pautados na competitividade, no individualismo e, no caso do Brasil, na polarização ideológica em que só cabe o verde-amarelo patriota de um lado e ou vermelho “comunista” de outro (Figura 3).

Como se acomodaram, nesse contexto tão conturbado, as nuances vívidas da cultura do skate? Quais são os tons das representações midiáticas de um esporte que tem na diversão um de seus pilares, enquanto o cenário político e social do país se sustentava no discurso de ódio circulante nas mídias digitais? E qual é o papel das juventudes nessas dinâmicas de construção de narrativas midiáticas conciliadoras e de resistência?

**Figura 3** – As skatistas Letícia Bufoni e Rayssa Leal com camisetas do Brasil nas Olimpíadas



Fonte: *Sneakersbr*, 26 jul. 2021. Disponível em <<https://wsbr.co/os-tenis-que-calcaram-as-meninas-do-skate-street-em-toquio/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as representações midiáticas do *skate de rua* em fragmentos de transmissões das Olimpíadas de Tóquio de 2020 na Globo e em três colunas

publicadas em 2021 e 2022, de Chico Lins, Valmir Moratelli e Débora Martins. Busca-se compreender os valores presentes em sua prática, reelaborados e reproduzidos pelas narrativas jornalísticas esportivas e pela publicidade, e o seu papel na construção de um *ethos* bastante particular dentro de um dado contexto histórico e social no país. Tal contexto aponta, de um lado, para uma crise de representação da identidade nacional e sublinha, de outro, um momento crítico para a representação do próprio skate, que se vê diante da força da homogeneização massiva que pode vir a enfraquecer os laços de uma cultura baseada em valores bastante protegidos pelos seus membros. Em suma, espera-se explorar as representações midiáticas da cultura do skate como expressão de determinadas juventudes moderno-contemporâneas que, de algum modo, resgatam a figura do “homem cordial” brasileiro.

Para tanto, adotou-se o método da Análise Interpretativa de Conteúdo (AIC), que “propõe um trajeto metodológico que visa à seleção, classificação e tipificação de conteúdo midiático, seja ele publicitário, jornalístico ou digital (redes sociais on-line) seguido de [seis] etapas que podem se sobrepôr, indo e voltando, na medida em que as ações são implementadas” (Pereira, 2023). As etapas são as seguintes:

- (1) construção do objeto de pesquisa a partir de um olhar mais exploratório na busca por palavras, expressões ou imagens que compartilhem o mesmo sentido, em torno do mesmo tema;
- (2) compreensão do contexto onde se insere o objeto da pesquisa;
- (3) recorte do *corpus* da pesquisa, com a escolha das peças que serão tomadas para análise;
- (4) identificação de elementos expressivos, ou seja, de termos e referências que sejam recorrentes ou simplesmente reveladores;
- (5) categorização, com a classificação e tipificação dos elementos expressivos em categorias interpretativas de análise — no caso deste artigo, o “*for fun*”, o “*fair play*” e o “homem cordial”; e
- (6) teorização, que elabora a construção das ideias no percurso mesmo de cada uma das outras cinco etapas, partindo de um caminho teórico-conceitual adotado.

## 1. Muitos “skates” num só e o *ethos* do street

Entre todas as formas assumidas pela prática do skate, é no *street*, ou skate de rua, que ele se faz reconhecer nas representações midiáticas hegemônicas, talvez por ser a que mais convive com o “cidadão comum”, já que o seu espaço é o público urbano. Os praticantes do *street* circulam pelas ruas e, por isso, são mais vistos. Para treinar suas manobras, encontram-se em determinados “picos”, que podem ser praças, esquinas, calçadas, corrimãos, escadas, rampas, de construções modernas ou históricas, de lugares modernos, deteriorados ou abandonados, subvertendo a gramática urbana, o que lhes rende “rotulações” de vândalos, vagabundos, maconheiros, marginais, entre outros, em geral de caráter “desviante” (Becker, 2008). Olic (2014, p. 79-80, grifo nosso) afirma que “A emergência da modalidade *street*, caracterizada pela apropriação criativa e desterritorializadora do mobiliário urbano, se transformou no símbolo de uma *essência skatista* que em sua gênese se contrapôs à lógica da ‘esportificação’”.

O skate de rua não é um esporte, é um estilo de vida — pelo menos, é com isso que os skatistas desta vertente se identificam. Uma discussão clássica, inclusive, no meio: skate é esporte ou estilo de vida? Afirmar que o skate é um estilo de vida pressupõe o conhecimento daquilo que define a cultura do skate de rua, e é sobre ela que este artigo lança uma luz.

Para Anthony Giddens (2002, p. 79), “estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade”. Essa definição não está distante do que os skatistas de rua, ou *streeteiros*, acreditam ser. A ela, acrescentam-se, porém, outros elementos que lhes são basilares, o que poderia aproximá-la da noção de subcultura, que para Ross Haenfler (2014, p. 16) consiste em: “Uma rede social relativamente difusa tendo uma identidade compartilhada, significados distintos em torno de certas ideias, práticas e objetos, e um sentimento de marginalização ou resistência a uma sociedade convencional percebida”<sup>1</sup>. Diante das reflexões desses dois autores, e das observações anotadas no campo<sup>2</sup>, pode-se arriscar afirmar que a cultura do skate de rua é

---

<sup>1</sup> Tradução livre do original: “A relatively diffuse social network having a shared identity, distinctive meanings around certain ideas, practices, and objects, and a sense of marginalization from or resistance to a perceived ‘conventional’ society”.

<sup>2</sup> No período de 2016 e 2018, foram realizadas incursões no campo, numa abordagem de observação etnográfica, em diferentes “picos”, ou seja, lugares de prática do skate na cidade do Rio de Janeiro, e também entrevistas com skatistas.

um estilo de vida, porque é um conjunto integrado de práticas que forjam aspectos identitários, e com traços subculturais, porque é uma rede social globalizada, espalhada, que compartilha de um mesmo sentimento de pertencimento, de marginalidade e de resistência ao *mainstream*.

Há, portanto, como em outras “sociedades de esquina” (Whyte, 2005) normas, aspectos coletivos, morais e éticos que sustentam, de modo consolidado, o cotidiano e o discurso dos skatistas de rua.

Um dos reflexos expressos desta afirmação está presente, por exemplo, nos momentos de interação, especialmente durante os campeonatos, sejam os organizados sem grandes formalidades, de modo deliberadamente improvisado, pautados pela ausência de barreiras sociais ou de disciplina esportiva, sejam os torneios internacionais, patrocinados e vinculados a federações. Em ambos, evitam-se demarcações distintivas, o que leva a disputas que acontecem entre pessoas de diferentes idades, às vezes bastante distantes, e de diferentes níveis no que diz respeito às suas performances. Cada manobra realizada é comemorada por todos, às vezes com muito barulho, quando os *shapes*<sup>3</sup> são batidos no chão ou até mesmo largados com força. A celebração da conquista é de todos. Do mesmo modo, quando a manobra não é bem-sucedida, há aplausos e palavras de incentivo. Veem-se também muitos abraços, cumprimentos com as mãos, tapinhas na cabeça. Entre os praticantes, o corpo é o aspecto que mais os tangencia como atores sociais dentro do grupo (Le Breton, 2004).

Em comparação ao futebol, que é um esporte coletivo, os *streeteiros*, em suas falas, *reproduzem* de um modo muito mais coeso e coerente os valores da cultura que os atravessa, ainda que não formem necessariamente um time. O *skate de rua* é uma prática individual, porém cimentada pela reprodução de discursos que são reforçados publicamente em cada oportunidade, o que nem sempre se vê no dia a dia do ambiente futebolístico, cenário de eventuais disputas e conflitos, e palco para múltiplas individualidades egóicas. A participação nos Jogos Olímpicos dividiu opiniões entre os *streeteiros*: há os que acham que é bom para desconstruir estereótipos por meio da visibilidade midiática, mas há os que acreditam que pode ser uma ameaça ao que conseguiram preservar até hoje. A resistência, porém, se impõe no uso estratégico desta visibilidade, na manipulação mesma da presença nas mídias.

---

<sup>3</sup> *Shape* é como os skatistas chamam a prancha que faz parte do *skateboard*.



O *skate de rua*, como subcultura, oferece resistência ao *mainstream* e a pressões mercadológicas. Com forte influência do movimento punk no final dos anos 1970, ideologias e signos são recusados, transgredidos, desconstruídos, destituídos de significado e reelaborados (Hebdidge, 2008), o que afeta diretamente o caráter classificatório do consumo e da publicidade, que estabelece uma relação direta entre as pessoas e os usos que fazem dos bens como marcadores sociais (Douglas e Isherwood, 2004). Por consequência, embora os patrocínios sejam bem-vindos, é preciso que as marcas demonstrem que efetivamente colaboram para a manutenção desta coesão social e dos valores coletivos partilhados, sem que se imponham de “cima para baixo”. Em geral, não ocupam um espaço midiático maior do que o skate em si, outro ponto de contraste com o futebol.

Por outro lado, nem tudo é tão democrático no skate: trata-se de um ambiente ainda predominantemente masculino, embora comece a circular o debate sobre a desigualdade de gênero dentro da cultura, o que envolve também pessoas LGBTQIA+. Surgem grupos de skatistas denominados *crews* formados só por mulheres — *Divas Skateras*, *Minas no Skate*, *Britney’s Crew*, *The Skate Witches*, *The Skate Kitchen*, *Asiplanchaba*<sup>4</sup> — e, de forma mais organizada, coletivos que lutam contra a deliberada exclusão dessas minorias ao longo de décadas. No meio acadêmico, ainda é tímido o número de trabalhos que tratam da questão do gênero no skate, mas é possível encontrar pesquisas que apontam para as relações de poder dentro da cultura, que se mantém hegemonicamente masculina, e os efeitos de tal invisibilidade feminina (Figueira, 2008; Goellner, Jaeger e Figueira, 2011; Figueira e Goellner, 2013).

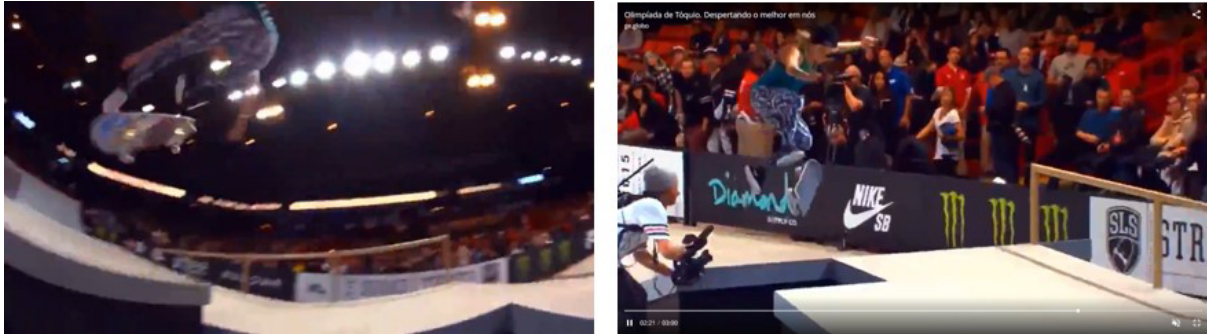
A invisibilidade feminina, pelo menos a midiática, porém, parece ter diminuído com a chegada do skate nas olimpíadas. As atletas ganharam bastante destaque já antes do início dos Jogos.

O filme de três minutos de lançamento da cobertura olímpica da Globo, incluindo aí todos os canais abertos e por assinatura, intitulado *Despertando o melhor de nós*, mostra os esportes, os atletas, os treinamentos durante a pandemia, as disputas e as vitórias. São dezenas de modalidades ali representadas e o skate aparece duas vezes, em ambas com a manobra de Leticia Bufoni (Figura 4).

---

<sup>4</sup> Ver <https://www.redbull.com/br-pt/skate-feminino-crews-brasil-mundo>. Acessado em 20/11/2022.

**Figura 4** – Letícia Bufoni aparece duas vezes na vinheta *Despertando o melhor de nós*



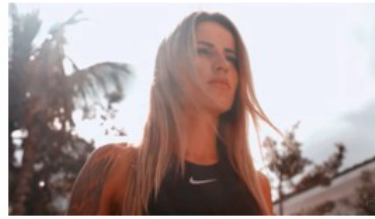
Fonte: *GE*, 14 fev. 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/globo-lanca-nova-campanha-olimpiada-de-toquio-despertando-o-melhor-em-nos.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Do mesmo modo, a vinheta de 45 segundos que apresenta o skate como um dos esportes participantes de Tóquio 2020 exibe somente mulheres: Pamela Rosa, Leticia Bufoni e Rayssa Leal, sob o slogan “Brasileiro quando sai do chão voa logo para a história”, surgem como representantes da modalidade, sem especificação de gênero<sup>5</sup> (Figura 5). Uma outra versão em animação, inspirada na linguagem dos animes japoneses, misturando imagens reais com ilustradas, também traz Leticia Bufoni para anunciar o skate<sup>6</sup>. Vale a pena sublinhar que o surfe, que do mesmo modo estreava nos Jogos, era protagonizado por homens, os atletas Gabriel Medina e Ítalo Ferreira.

**Figura 5** – Pamela Rosa, Leticia Bufoni e Rayssa Leal representando o skate nas Olimpíadas na vinheta de 45 segundos da Globo

<sup>5</sup> Ver “Tóquio 2020: o Skate faz sua estreia nas Olimpíadas”. *TV Globo*, 19 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCA-qUfM6M0>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>6</sup> Ver “Tóquio 2020: confira a vinheta especial”. *TV Globo*, 19 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P07qv8PZZW4&t=82s>>. Acesso em 20 nov. 2022.



Fonte: TV Globo no *YouTube*, 19 maio 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XCA-qUfM6M0>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Vê-se, portanto, uma contradição: na cultura brasileira do *skate de rua*, parece persistir uma dominação masculina (Bourdieu, 2002), apesar da resistência que começa a se instaurar com as *crews* e os coletivos femininos. Nas competições *street* e *park* olímpicos, por outro lado, as representações midiáticas da Globo e as do COI ressaltam as skatistas como representantes das duas modalidades, sem classificação de gênero. O que estaria por trás desse destaque dado às mulheres, no caso do skate?

Dentro do *skate de rua*, a disputa que se dá com relação à sua “vocação” no que diz respeito a ser um esporte ou um estilo de vida reflete a resistência a qualquer tipo de disciplina, fator inerente à vida de um atleta. As Olimpíadas prezam pela valorização do esforço e do mérito, contam histórias de superação e alçam ao pódio das medalhas heróis e semideuses, heroínas e semideusas. Prezam, sobretudo, pelo que é conquistado graças a boas doses de sacrifício. Integrar ao conjunto de modalidades esportivas uma prática que se recusa a se submeter ao controle disciplinador de condutas e de corpos demandaria representações midiáticas que tornassem o skate algo “familiar”, no sentido dado por Serge Moscovici (2011), mas também no sentido moralizante que abrange a noção de “família”. Nesse sentido, será que talvez lançar uma luz sobre *as* atletas, mais do que *os* atletas, seria uma maneira de apresentar o skate como um esporte e não somente como um estilo de vida? E seria isso facilitado pelos papéis de gênero instituídos, que estabelecem o corpo feminino mais disciplinável do que o masculino?

O “corpo percebido” socialmente (Bourdieu, 2002) é a imagem de um conjunto de práticas corporais que se estabelecem na apropriação da natureza pelo indivíduo — em outras palavras, na prática da cultura. Pierre Bourdieu propõe uma divisão dos sexos a partir desses diferentes gostos e usos do corpo, o que determinaria, por exemplo, a “viril” preferência dos homens por refeições com carnes e a “delicadeza” das mulheres, com suas leves saladas. A partir

do controle coercitivo e da aplicação de “fórmulas gerais de dominação” — as “disciplinas”, conforme Michel Foucault (1984) —, o corpo se torna dotado de “docilidade” e “utilidade”, servindo à manutenção das instituições sociais. “Dócil” (Foucault, 1984), o corpo feminino da skatista se deixaria submeter a uma representação viável da disciplina, mais facilmente do que o corpo masculino do skate, que remete à rebeldia, à transgressão, ao vandalismo.

Trazer o skate para as Olimpíadas significa corroborar o discurso de parte dos praticantes que defendem seu caráter esportivo, atribuindo a ele o controle de condutas e de corpos. A trajetória do *skate de rua* não escapa de algum processo de esportivização, como já ensinaram as pesquisas de Leonardo Brandão (2011), entre outros. E a esportivização, obrigatoriamente, pressupõe disciplinarização. Voltando à presença das mulheres nas representações midiáticas do skate nas Olimpíadas do Japão, arrisca-se concluir que ela foi estratégica no sentido de incorporar a prática das ruas aos limites dos Jogos, um ambiente controlado e avesso a atitudes pouco “civilizadas”, avançando sobretudo na consolidação de sua esportivização. Se o corpo feminino é mais disciplinável, é mais dócil, as imagens de Pamela, Letícia e Rayssa teriam servido, portanto, à construção de um discurso mais adequado aos interesses das mídias e dos patrocinadores no sentido de levar o skate aos lares das famílias, criando uma torcida mais ampliada. Mas e a luta feminina por isonomia dentro da cultura do skate, ela se junta aos movimentos de resistência do skate de rua? O papel das vozes dissonantes “infiltradas” passa a ser fundamental para a manutenção de aspectos importantes de uma cultura.

Karen Jonz e Pedro Barros, cada um a seu termo, tiveram atuações importantes nas Olimpíadas de Tóquio de 2020, ela como narradora e ele como competidor. Ambos conseguiram repercutir nas mídias suas posições como defensores da cultura do skate de rua e da preservação dos traços subculturais que dele fazem parte.

Aos 38 anos, a tetracampeã mundial em skate vertical é também a primeira mulher brasileira a vencer esse campeonato e, como autoridade legitimada por sua trajetória, foi convidada a ser uma das comentaristas nas transmissões do skate *street* e *park* nas Olimpíadas. Karen Jonz chegou a ter uma das suas frases lançadas ao vivo no canal por assinatura *SporTV*

como um dos assuntos mais comentados no *Twitter* no dia 3 de agosto de 2021<sup>7</sup>: depois da atuação de uma atleta japonesa, Jonz comentou que “ela já chegou colocando a xereca na mesa”, fazendo alusão à frase repetida popularmente quando algum homem se impõe, se coloca de forma firme e bem-sucedida em algum ambiente: “ele botou o pau na mesa”. Em outro momento, a fim de explicar a configuração da “piscina” onde acontece a competição na modalidade *park*, a skatista descreveu: “Ali no meio, esse obstáculo redondo a gente chama de teta. Parece uma bunda, mas a gente chama de teta. O nome dele é teta. Quando vocês ouvirem falando, é isso mesmo”. Suas frases fizeram um enorme sucesso nas redes sociais, e ela foi considerada “descontraída”, “engraçada” e “espontânea” pelo veículo esportivo *Lance!*<sup>8</sup>. Para a seção “Notícias da TV”, do portal digital *UOL*, a skatista é “sem filtros”<sup>9</sup>. Curiosamente, as duas expressões remetem a partes do corpo feminino e, ao romper com o tabu de pronunciar publicamente as palavras “xereca” e “teta” em um ambiente televisivo do esporte, ainda muito marcado pelo universo masculino, Karen Jonz consolida uma postura feminista que causou uma reação, segundo ela, que mostra como ainda estamos atrasados. Trata-se de uma voz dissonante diante de um papel feminino disciplinado e reforçado pelas representações midiáticas em circulação sobre a participação de mulheres no skate, como vimos. Ao colocar-se como alguém que “não tem filtros”, que é “espontânea” e “engraçada”, ela reafirma, também, o lugar das mulheres na cultura do skate em toda a sua transgressão, sem controle social possível. Jonz preocupava-se em conferir respeito às suas parceiras de skate e exercer seu papel como parte da cultura de rua, ao explicar como se deve torcer durante uma competição:

A gente tem a cultura de torcer para todo mundo errar. Foi um pouco estranho para os espectadores entenderem por que eu estava torcendo para a americana acertar, para a filipina acertar. A galera da internet achou que eu estava contra, mas não: no skate, a gente tem a cultura de torcer para todo mundo acertar, e que vença o melhor (*Lance!*, 2021).

Pedro Barros tinha 26 anos quando ganhou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos na modalidade *park*. Em todas as entrevistas que concedeu ao longo de sua participação no evento,

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/skatista-dispensa-filtros-para-comentar-olimpiadas-no-sportv-xereca-na-mesa-62705>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/bronca-sucesso-nas-redes-sociais-karen-jonz-avalia-trabalho-como-comentarista-nas-olimpiadas.html>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/skatista-dispensa-filtros-para-comentar-olimpiadas-no-sportv-xereca-na-mesa-62705>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

o skatista fez questão de enfatizar os valores do *street*. O catarinense aproveitou todos os espaços e todo o tempo disponíveis durante suas entrevistas para exaltar as virtudes da cultura de skate não como um esporte, mas como um estilo de vida. Ao posicionar-se desta forma, Pedro Barros coloca-se como um porta-voz da resistência presente no skate como uma subcultura. Ao *Jornal Nacional*, da Globo, ele disse, no dia 5 de agosto de 2021:

Primeiramente, acho que muito mais do que um esporte, o skate é um estilo de vida, porque a gente consegue através dessa ferramenta, que é o skate, transformar, sabe? O que a gente busca hoje é mais acesso, e acesso para aqueles que não têm isso ao lado da sua casa, não têm condição de ter um skate ou poder praticar esse esporte. No fim das contas, a gente sabe o quanto isso transforma vidas, o quando isso muda, e a gente quer trazer o skate para comunidades, fazer com que se torne cada vez mais forte. Tem muito skatista que batalha dia a dia por isso, sabe? Então, a visibilidade que as Olimpíadas estão trazendo é para fortalecer essa luta diária de cada um de nós que lutamos por isso (Barros *apud* Jornal Nacional, 2021).

Dizer que o skate é um estilo de vida muito mais do que um esporte, numa transmissão de Olimpíadas, é, no mínimo, diferente do que se espera de um atleta. Barros explica como entende sua participação ali:

Essa mensagem é uma coisa natural nossa. A gente vive isso dia a dia, e não seria nas Olimpíadas, por ser uma competição desse nível, que a gente faria diferente. A gente estava ali torcendo e vibrando com cada manobra dos adversários, porque não importa. No fim, somos amigos, fazemos parte dessa união, e cada um puxa o outro. No próximo campeonato, na próxima sessão de skate, o que ficou em último pode ser o melhor. Isso mostra que, quando a gente dá força para o próximo, quando a gente dá força um para o outro, a gente se torna mais forte, sabe? (Barros *apud* Jornal Nacional, 2021).

Jonz e Barros, como representantes legítimos da cultura do skate, já que reconhecidos tanto por skatistas como por não skatistas especialistas em esporte, entendem que precisam ser as vozes dissonantes, as vozes da resistência que, de algum modo, se infiltram na estrutura midiática de transmissão das Olimpíadas para também “dar um recado”: o de que sabem que é importante mostrarem-se ao mundo e ver seus amigos competindo em um ambiente diferente dos outros campeonatos, de alto nível, mas que isso não pode ameaçar aquilo que acreditam no cotidiano da prática nas ruas.

Uma dessas manifestações de amizade e de companheirismo teve espontaneamente lugar na competição de *skate park* feminino. Misugu Okamoto, japonesa, não tinha ainda acertado uma

volta e estava em quarta posição na classificação, naquele momento. Ao tentar acertar todas as manobras na volta que lhe restava, caiu numa delas e ficou visivelmente desolada. Yndiara Asp e Dora Varela, as duas brasileiras, juntaram-se às demais finalistas e abraçaram Misugu, para consolá-la. A atitude foi agraciada com o prêmio *Fair Play*, reconhecimento do Comitê Internacional Fair Play naquela Olimpíada do Japão<sup>10</sup>.

O abraço coletivo das atletas do *skate park*, ainda que possa ter acontecido também para o registro das câmeras, não deixa de ser algo muito comum em competições, sejam elas oficiais ou não. Tanto a celebração de uma vitória como a solidariedade numa derrota costumam ser parte das dinâmicas de sociabilidade entre skatistas. Ao premiar algo que já é tão normalizado dentro de uma cultura é uma forma de tornar a atitude uma excepcionalidade, é estimular algo que não precisa de estímulo.

Segundo Rufino *et al.* (2005), a noção de *fair play* foi difundida pelo idealizador dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, o Barão Pierre de Coubertin. Trata-se, antes de tudo, de um reflexo do pensamento inglês aristocrático do século XIX a respeito das práticas esportivas, que valoriza a lealdade, a honra, o respeito pelo outro e por si próprio. Helal e Amaro (2014) relacionam o *fair play* ao amadorismo nas Olimpíadas, o que predominou em boa parte do século XX. Segundo os autores, em Barcelona, 1992, inaugurou-se o profissionalismo nos Jogos, mas o *fair play* perdurou e está presente até hoje, estando vinculado a ideais ligados à nobreza e ao comportamento cavalheiresco, o que se modernizou e se transformou no que hoje entendemos por um “jogo limpo” e pelo “espírito esportivo”.

Tanto atletas quanto comentaristas demonstraram, cada um a seu termo, aquilo que já é parte inerente da cultura de que partilham. Isso leva a uma nova reflexão: premiar o *fair play* do skate de rua é bom para quem, afinal?

O prêmio *Fair Play*, no caso do skate, tem muito mais efeito sobre quem não é skatista. É uma novidade para “*outsiders*”, mas norma para “estabelecidos” (Elias e Scotson, 2000). Serve bem à construção de uma imagem comportada da prática do skate para os “*outsiders*”, num esforço de consolidação de uma esportivização definitiva.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2021/12/4974053-brasileiras-do-skate-park-ganham-premio-de-fair-play-dos-jogos-de-toquio-2020.html>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Em contraponto ao *fair play*, tem-se o *for fun*. De um lado, um valor olímpico institucionalizado e disciplinador; do outro, a “essência skatista” (Olic, 2014). Conforme Maurício Olic (2014, p. 76), esta “essência” “[...] é a forma como seus praticantes expressam a singularidade do estilo de vida skatista, baseado, sobretudo, no modo como interagem e enxergam a cidade, somado à forma lúdica de encarar sua prática. Mais importante que treinar é se divertir por meio do espírito *for fun* defendido por grande parte de seus praticantes”. O autor aponta, ainda, a influência do movimento punk na cena do skate de rua, que se torna a própria “essência skatista” por sua relação com a cidade e oposição ao que ele denomina de “esportificação” da prática:

A discussão em torno da participação do skate nos Jogos Olímpicos passa, portanto, pelo entendimento do que seus praticantes consideram como sendo a essência skatista, e de até que ponto esta essência forjada nas ruas e pelo espírito *for fun* pode coexistir com a dinâmica de “esportificação”, que, por sua vez, além de garantir reconhecimento à sua prática, permite também que mais skatistas possam viver dela, seja por meio de patrocínios, seja através do ingresso no mercado relacionado ao skate (Olic, 2014, p. 91).

O *for fun*, ou “por diversão” na Língua Portuguesa, denota um comportamento libertário dos *streetiros* que, mesmo com alguma disciplinarização, nunca deixou de ser a própria *essência* da “essência skatista”: “[...] o *for fun* é valorizado como eixo da sociabilidade entre os competidores durante o evento, em que mais importante do que ganhar é estar junto de seus pares” (Olic, 2014, p. 87).

O *fair play* e o *for fun* aproximam-se quando representam o espírito esportivo, em que mais importante que ganhar é competir. A diferença, sutil, está no “eixo de sociabilidade” que permite o “estar junto de seus pares”. Em qualquer competição que não seja a do skate de rua, não se espera que os participantes se sintam “entre seus pares” e que troquem afetos ou “sociabilidades”. Esperam-se o “jogo limpo” e o respeito ao outro, mas a rivalidade dá o tom da competitividade. Isso é o que o *fair play* promove, ou seja, um ambiente de rivalidade civilizado. O *for fun*, por sua vez, promove a amizade; e a amizade, por sua vez, pressupõe demonstrações públicas de afeto. A partir do vínculo do skate de rua com o punk, e sendo o punk uma subcultura, pode-se arriscar na afirmação de que o *fair play* é o *mainstream* do *for fun*, valor embebido pelos traços subculturais da essência skatista.



Com todos os olhos voltados para o novo esporte nas Olimpíadas, as demonstrações de amizade e de afeto foram transmitidas pelas mídias e, ao terem sido, ficaram sujeitas às mediações (Martin-Barbero, 2006), a diferentes recepções. Ficou evidente, no espaço dedicado nas matérias jornalísticas, que se tratava de um novo fenômeno dentro dos Jogos, algo que nunca se tinha visto antes. Por força das representações sociais, era preciso tornar “familiar” o que era “não familiar”, e “ancorar” em algo que já era antes conhecido (Moscovici, 2011). O *for fun* foi então representado como *fair play* nas mídias.

**Figura 6** – *Skate for fun*, a troca de afetos entre as atletas nas Olimpíadas



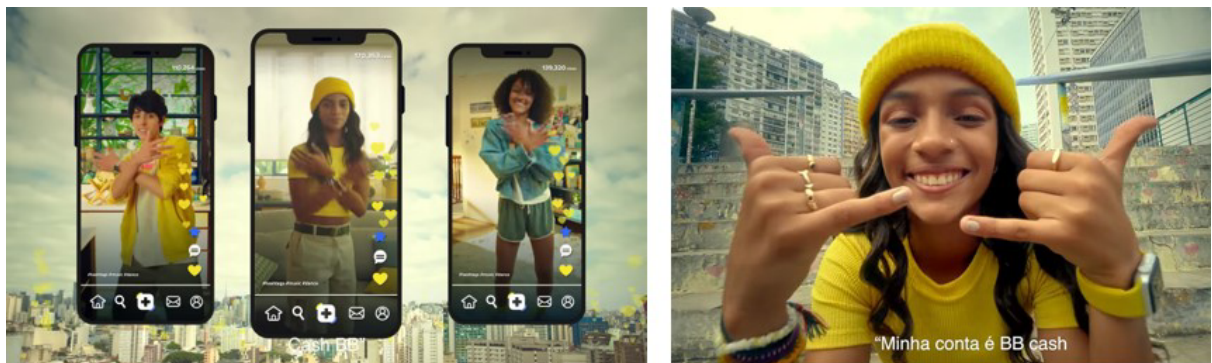
Fonte: *O Tempo*, 26 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/sports/olimpiadas-2021/skate-arrebata-olimpiadas-em-sua-estrela-sendo-a-cara-dos-jogos-de-toquio-1.2517995>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Chama atenção, nessas representações midiáticas, o efeito de tais demonstrações públicas em suas mediações, considerando o contexto brasileiro de polarização ideológica. Em meio à oposição política e ao discurso de ódio predominante nas redes sociais on-line, o papel do skate de rua nas Olimpíadas, diante do êxito das atletas brasileiras — com destaque para a adolescente de 13 anos Rayssa Leal — foi o de *re-unir* o “povo brasileiro”. As cores verde e amarela voltaram, ainda que brevemente, a reivindicar o mesmo pertencimento nacional. O skatista Pedro Barros estava consciente disso e se expressou (Jornal Nacional, 2021):

A minha história, eu acho que é para servir de exemplo, para o povo brasileiro, que está na nossa mão. Depende da gente realmente para construir, fazer desse lugar, o nosso país, que é tão belo, tão lindo por natureza, um lugar melhor. E com amor, união e respeito, a gente consegue, sabe?

O Banco do Brasil, patrocinador de Rayssa Leal, contribuiu para o resgate do verde e amarelo em suas campanhas (Figura 7):

**Figura 7** – Campanha *BB Cash*, do Banco do Brasil, com Rayssa Leal



Fonte: *Janela Publicitária*. Disponível em: <<https://www.janela.com.br/2022/10/18/rayssa-leal-estrela-campanha-do-bb-para-nova-conta-voltada-a-filhos-de-clientes>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Ainda sobre sua distinção do *fair play*, no *for fun* se revelam características do que José Machado Pais denomina de “cultura juvenil”, a qual, para o sociólogo português, está diretamente relacionada com a “cultura do lazer”, ou seja, a sociabilidade, a diversão e o “matar o tempo” (Pais, 1993). O *fair play*, ao contrário, talvez graças à sua herança aristocrática, parece muito mais coisa do “mundo adulto”. Nesse sentido, e em certa medida, o *fair play* seria então

um disciplinador do *for fun*. Daí o fato de um prêmio como o concedido às skatistas brasileiras ser bom para quem quer discipliná-las, ou seja, o COI e, no limite, as indústrias culturais.

Considerando então os *skatistas de rua* como representação de uma cultura específica, ou uma subcultura (Haenfler, 2014), e o seu *ethos* como aquilo que os distingue de outros grupos, por seus comportamentos, costumes e identidade coletiva, qual seria o *ethos* do skate de rua? E de que modo esse *ethos* foi representado nas mídias, durante as Olimpíadas de 2020? Há correspondência entre os dois?

Pelos estudos de Brandão (2011), Olic (2014), Figueira (2008) e Machado (2013), podemos sintetizar o *ethos* do skate de rua, em linhas gerais, como uma predisposição, antes de tudo, à liberdade: a busca da superação de limites do próprio corpo aliada à experiência da diversão coletivas, pautadas na sociabilidade e em valores como solidariedade, gregarismo e igualdade, este último em momento de elaboração para a inclusão de mulheres e pessoas LGBTQIA+; e, ainda, meio que paradoxalmente, o compromisso e predisposição individuais para a reprodução de um discurso que revela a coesão em torno de tais valores coletivos, oferecendo resistência a qualquer tentativa de dominação por parte de autoridades, organizações profissionalizantes ou patrocinadores.

Na próxima seção, analisaremos três colunas jornalísticas com o objetivo de buscar os elementos deste *ethos* em suas representações midiáticas.

## 2. O “homem cordial”, o *fair play* e o *for fun*

Na década de 1930, Sérgio Buarque de Holanda refletia sobre as “raízes do Brasil”. A análise do historiador e sociólogo eternizou o controverso conceito do “homem cordial”, o tipo ideal do brasileiro (Holanda, [1936] 1995).

O “homem cordial” sintetiza aspectos culturais e identitários que fazem do brasileiro um povo diferente do português, do japonês, do estrangeiro em geral. Partindo de um pensamento sobre o papel da “família” na constituição do indivíduo em sua relação com o Estado e com a sociedade, Holanda enumera, em seu clássico texto, algumas de suas características. Contemplando com o que foi visto até o momento sobre o *ethos* do *skatista de rua*, este artigo

elabora uma articulação com o “homem cordial”, tomado aqui mais como representação do que como tipo ideal, embora este sirva, de certo modo, a uma espécie de resgate em meio a uma severa crise de identidade nacional. A celebrada aparição do skate nas Olimpíadas de Tóquio seria, portanto, um reencontro com o que representa o “homem cordial”, considerando, é importante frisar, muito mais o aspecto do coração, da emoção, como contraponto à razão, do que qualquer outro traço de “bondade” inerente ao povo brasileiro. O próprio Holanda rebate a críticas ao “homem cordial” como conceito, reforçando que nunca teria afirmado, em seu livro *Raízes do Brasil*, que ele é positivo. A partir daqui, portanto, toma-se “o homem cordial” como referência de elementos presentes nas representações dos skatistas, sem desprezar toda a sua complexidade.

O autor parte do princípio de que o Brasil é um país que tem a “família” como o referencial que se estende para além de suas fronteiras, estabelecendo um modo de lidar na vida social que desafia valores antiparticularistas, característicos da vida moderna. A cordialidade seria, portanto, a contribuição do país para a civilização. Por cordialidade, entenda-se a simpatia, a generosidade, a hospitalidade, a familiaridade, a falta de ritualidades, a facilidade para criar intimidade. Holanda reforça que essas virtudes não são produto das boas maneiras, mas sim de um “fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Holanda, 1995, p. 147). Daí que os estrangeiros logo percebem a falta de protocolos no brasileiro, que rapidamente se aproxima, invadindo espaços de segurança estabelecidos em algumas culturas, como a norte-americana e a japonesa, por exemplo, para um caloroso abraço ou toque amistoso no ombro. A reboque, logo se cria um diminutivo no nome para estabelecer uma intimidade, quebrando de forma mais rápida distâncias sociais. Suprimem-se sobrenomes, a marca social sobre a particularidade do indivíduo, que é o que move o “homem cordial”. O brasileiro, para Holanda, não se sustenta por muito tempo em reverências ao que se lhe impõe como superior. Todos se tornam rapidamente “amigos”, pois a “ética de fundo emotivo” se sobrepõe na relação que ali se estabelece.

Como vimos até aqui, são marcas entre os skatistas a simpatia, a generosidade, a intimidade, a falta de ritualidade. Os skatistas de rua não têm nomes, têm apelidos. Se como atletas das Olimpíadas eles têm nome e sobrenome, Kelvin Hoefler, Leticia Bufoni e Rayssa Leal, na “rua” são, respectivamente, “Kelvinho”, “Princesa do Skate” e “Fadinha do Skate”. Apelidos

que são diminutivos, aliás. A sociabilidade, “essência skatista”, é marcada por demonstrações calorosas de “fundo emotivo”. Todos parecem amigos e não competidores entre si, durante um campeonato. O *fair play*, por si só, não explica o “homem cordial”. O *for fun*, em muitos aspectos, sim. As três colunas que serão analisadas a seguir procuram demonstrar de que modo as representações midiáticas elaboram, para um público ampliado, a construção de uma “familiaridade” (Moscovici, 2011) de quem era “não familiar”: o *streeteiro*, o skatista de rua, agora também atleta olímpico. A escolha por “colunas”, e não por matérias, se justifica na intenção de buscar uma visão qualificada, porém opinativa, de jornalistas de três veículos diferentes: Chico Lins, do *Globo Esporte*; Valmir Moratelli, da *Veja*; e Débora Miranda, do *UOL*. Leva-se em consideração, nesta análise, o olhar “outsider” dos três colunistas, ou seja, distantes do dia a dia do *street skate*, o que confere uma noção do senso comum, o que nos interessa mais nesse ponto. Entenda-se por “senso comum” o que Clifford Geertz (1998) propõe, ou seja, o que está diante de nós, de modo tão evidente, que não conseguimos enxergar. É o que resta quando não se consegue explicar algo por meio de sistemas simbólicos mais elaborados e articulados. O senso comum é o conhecimento produzido a partir da experiência cotidiana, de nossos hábitos, crenças e costumes.

Chico Lins é de Santa Catarina. Foi jogador profissional de futebol de salão e envolveu-se também com voleibol e futebol, como dirigente. Atua como jornalista esportivo na NSC, na CBN de Florianópolis e no *Globo Esporte*. Dados coletados na internet indicam que começou a carreira de jornalista em 2021.

Valmir Moratelli é carioca, pesquisador na área de Comunicação, formado em jornalismo, redator e roteirista. Escreve para a coluna “Veja Gente”, da revista *Veja*, voltada para entretenimento, celebridades, negócios e artes. Trabalha no jornalismo desde 2009.

Débora Miranda é paulista, jornalista, colunista da *Folha de S. Paulo* e escreve sobre esporte para o *Universa UOL*. Trabalha desde o ano 2000 na área.

Como se vê, Chico Lins e Débora Miranda estão mais diretamente ligados ao universo do esporte, mas não são jornalistas especializados em skate, o que fica bem demonstrado nos textos analisados a seguir. Valmir Moratelli, por sua vez, é mais generalista em suas temáticas, distante, portanto, de ser um especialista em esporte.

Com o título *O Skate veio para ficar nas Olimpíadas e em nossos corações*, a coluna do jornalista esportivo Chico Lins (2021) deixa claro que o skate nas Olimpíadas é uma grande novidade, em vários sentidos. Primeiro, por sua estreia nos Jogos. Mas também pelo que traz de “diferente”: “As roupas largas, bermudões e bonés deram uma graça especial e diferente à competição”. O que se destaca em sua análise é tanto o estilo de vida dos skatistas quanto o seu esporte:

Ver aquela rapaziada fazendo manobras arriscadas, com destreza e dinamismo, caindo e levantando, escutando suas músicas no fone de ouvido, conquistou a audiência e mostrou ao mundo que a competição pode ser levada de maneira mais divertida pelos atletas (Lins, 2021).

E Chico Lins reforça ainda aspectos como a “linguagem” e a “idade” como fatores que ajudam a “rejuvenescer” os Jogos: “O COI, ao trazer o skate para as Olimpíadas, mirava também o rejuvenescimento dos Jogos. Não apenas pela idade, mas pela linguagem e imagem”.

Além da “diversão”, o jornalista ressalta as virtudes éticas e não as virtudes esportivas do skate:

O esporte das rodinhas se apresentou ao olimpismo com leveza, solidariedade, fair play e uma forma única de competitividade. (...) Pedro Barros, Rayssa Leal e Kelvin Hoefler estão na eternidade olímpica, servirão como inspiração e serão lembrados para sempre. O charme, o encanto e a simpatia são parte do legado enorme que essa rapaziada nos deixa (Lins, 2021).

Os atributos são sempre relacionados ao comportamento dos atletas, como “charme”, “encanto” e “simpatia”.

“Encanto” é uma característica presente nas três colunas analisadas. Valmir Moratelli (2021) escreveu em seu lead: “Prestes a fazer 14 anos (no próximo dia 4 de janeiro), Fadinha encantou o mundo na Olimpíada de Tóquio com seu talento e *fair play*”. O *fair play* aparece mais de uma vez, aliás, na coluna de Moratelli:

(...) com seu jeito de criança, admirável fair play e sorriso com o aparelho nos dentes brilhando, Rayssa encantou o Brasil e o mundo. “Ela tem uma vibe muito boa, um talento poderoso e trouxe uma leveza e e uma alegria que são muito importantes para o skate”, atesta o dez vezes campeão mundial Bob Burnquist (Moratelli, 2021).

Bob Burnquist, referência maior para os skatistas, é a autoridade que reforça a importância da “leveza”, “alegria” e “*good vibes*” para o skate, que Moratelli acrescenta ao “*fair play*”.

Débora Miranda (2022), por sua vez, destaca o prêmio *Fair Play* recebido por Dora Varella e ressalta a afetividade como algo que parece ser incomum em outros esportes, já que seu texto apresenta uma explicação da skatista:

Segundo ela [Dora Varella], esse apoio entre as atletas é muito comum no dia a dia do skate. “Todo o mundo nas pistas faz festa quando o outro acerta, se motiva, dá dicas. O skate sempre teve esse clima de amizade. Nunca presenciei um clima de uma menina querendo ser melhor do que a outra, torcendo para a adversária se dar mal. A gente se apoia (Miranda, 2022).

Mais uma vez, a ideia de “encantamento” está presente, agora na coluna de Miranda (2022): “Durante a Olimpíada de Tóquio, no ano passado, o Brasil foi encantado por uma nova modalidade esportiva: o skate, que pela primeira vez disputava os Jogos. Por alguns dias, esquecemos o futebol — especialmente ao ver a Fadinha Rayssa Leal competir”. O “encanto” é efeito de magia, do que é inesperado, do que é desconhecido, o que sublinha o valor da “novidade” presente no skate, uma prática que já existe há mais de 50 anos.

“Diversão” e “empatia” são também virtudes que a colunista, tal como Lins e Moratelli, deixa expressar em seu texto, a partir da declaração de Dora Varella:

O skate teve um *boom*. Chamou a atenção — e foi principalmente pela diversão e pela empatia que os atletas mostraram uns com os outros. É um esporte divertido de assistir, de torcer. E até distorceu aquela imagem de ser um esporte marginalizado. A galera passou a nos ver com outros olhos.

A novidade também surge na coluna de Miranda (2022), quando revela o jeito certo e o jeito errado de torcer em competições de skate:

Dispostos a tudo por uma medalha, passamos a fazer o que sabemos fazer melhor: secar as adversárias: “Não acredito, mas estou torcendo para uma menina de 13 anos cair”, diziam muitos nas redes sociais. Nas pistas, no entanto, o clima era outro, e as competidoras se ajudaram, se consolaram, comemoraram juntas e mostraram que, mesmo no esporte de alto rendimento, há espaço para a amizade.

O fato de considerarem “diferentes” as atitudes testemunhadas durante as competições nos Jogos Olímpicos reforça um estilo de vida que é protagonizado por adolescentes e jovens, atores sociais que são dotados desse papel, o de mudança, transgressão e transformação.

Os elementos destacados nas três colunas apontam para a valorização da diversão e da cordialidade, pelos jornalistas traduzida como *fair play*, entre os atletas do skate nas Olimpíadas. Chama atenção, porém, que eles são apresentados como “novidade” em vez de “essência skatista”.

### Considerações finais

Este artigo explorou as representações midiáticas do “*fair play*” e do “*for fun*” no contexto do skate de rua como sintomas de disputas sociais e culturais entre as juventudes e a sociedade contemporânea.

O texto buscou, ainda, lançar uma luz sobre o papel dos jovens como atores sociais e de suas culturas como legítimas, ao tratar os skatistas nas Olimpíadas dentro de valores emocionais do “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda (1995). As transmissões dos jogos de Tóquio apresentaram, como uma novidade, particularidades dos skatistas que estabelecem uma relação não apenas entre os pares, mas também com o público, baseada nos afetos, na emoção, na familiaridade, na quebra de protocolos, na generosidade, na cordialidade, enfim. Se o “homem cordial” distingue o povo brasileiro dos estrangeiros, o *ethos* do skate de rua o distingue dos demais esportes, desafiando formas de representação midiática, em transmissões e narrações.

### Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. *Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Leonardo. *A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.



ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2008. 247 p. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física. UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13203>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu [online]*, n. 41, p. 239-264, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000200014>>. Acesso 20 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

GEERTZ, Clifford. O senso comum como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referencias do skate e do fisiculturismo no Brasil. *Revista Ex Aequo*, n. 24, 2011, p. 135-148. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/171117/001050882.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HAENFLER, Ross. *Subcultures: the basics*. Nova York: Routledge, 2014.

HEBDIDGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. Londres e Nova York: Routledge, 2008.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. O esporte e seus heróis: a narrativa jornalística sobre os medalhistas brasileiros nas Olimpíadas de 2012. *Revista ALCEU*, v. 14, n. 28, p. 21-36, jan./jun. 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL NACIONAL. *Pedro Barros conquista terceira prata para o Brasil no skate*. 05 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/05/pedro-barros-conquista-terceira-prata-para-o-brasil-no-skate.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LANCE! *Bronca, sucesso nas redes sociais... Karen Jonz avalia trabalho como comentarista nas Olimpíadas*. 27 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/bronca-sucesso-nas-redes-sociais-karen-jonz-avalia-trabalho-como-comentarista-nas-olimpiadas.html>>. Acesso em 20 nov. 2022.

LE BRETON, David. *La Sociologie du Corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

LINS, Chico. O Skate veio para ficar nas Olimpíadas e em nossos corações. *GE*. 05 ago. 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/blogs/chico-lins-na-rede/post/2021/08/05/o-skate-e-seus-principes-e-fadas.ghtml>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. *Anais Eletrônicos...*, Florianópolis, 2013.

Disponível em:

<[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385055574\\_ARQUIVO\\_GiancarloMarquesCarraroMachado.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385055574_ARQUIVO_GiancarloMarquesCarraroMachado.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MIRANDA, Débora. Dora Varella: 'No skate não torcemos para a outra se dar mal'. *Uol. Universa*. 20 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/debora-miranda/2022/02/20/dora-varella-no-skate-nao-torcemos-para-a-outra-se-dar-mal.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MORATELLI, Valmir. O skate ‘good vibes’ de Rayssa Leal. *Veja Gente*. 23 dez. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-skate-good-vibes-de-rayssa-leal-a-fadinha/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIC, Maurício Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. *Revista Campos*, n. 15, v. 1, p. 75-96, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/43208/27038>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PEREIRA, Cláudia. Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal. *MATRIZES*, 17(1), 223-249, 2023.

RUFINO, João Luiz; BATISTA, Paulo Henrique; GUELER, Roberto; MATARUNA, Leonardo. O fair play na atualidade. *Revista Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 57-68, julho/dezembro 2005.

Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/download/9060/7190#:~:text=Foi%20na%20sociedade%20aristocr%C3%A1tica%20que,outros%20e%20por%20si%20pr%C3%B3prio>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

---

**Claudia Pereira** – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio  
Doutora em Antropologia Cultural pelo PPGSA – IFCS/UFRJ (2008). Professora Associada do Departamento de Comunicação da PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio.

Realizou pós-doutorado no ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal (2019). Dedicou-se aos estudos das juventudes, especialmente suas representações midiáticas e culturas urbanas.

E-mail: claudiapereira@puc-rio.br

### **Financiamento**

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Chamada Universal – processo 402408/2021-7.